



Orlando Kissner/AE



Orlando Kissner/AE

Imagem da redenção

Zetti, que viveu dias difíceis depois do frango no Rio, comemora a defesa do pênalti batido por Gamboa, enquanto seus companheiros correm para abraçá-lo

São Paulo festeja heróis da Libertadores

A conquista do título inédito fez Telê Santana chorar e enlouqueceu os torcedores, que atravessaram a madrugada comemorando



A terceira grande festa de campeão do São Paulo terminou só na madrugada de ontem. Logo que Zetti defendeu o chute de Gamboa, definindo o placar de 3 a 2 sobre o Newell's Old Boys na decisão por pênaltis, após a vitória são-paulina por 1 a 0 no tempo regulamentar (gol de Raí, cobrando pênalti sobre Macedo), o campo do Morumbi foi invadido por boa parte dos mais de 105 mil torcedores que lotaram o estádio e proporcionaram renda de mais de R\$ 1 bilhão, novo recorde nacional. O entusiasmo pelo título inédito de melhor da América logo se espalhou pela cidade e houve comemorações nas ruas, bares e restaurantes.

Os próprios jogadores pareciam hipnotizados pela conquista. Telê chorou, Palhinha chorou mais ainda. Raí ergueu a Taça Libertadores montada numa plataforma erguida na lateral do campo e, abraçado a Antônio Carlos, executou uma estranha dança que incluía beijinhos no troféu e sacudidas numa bandeira do time. Logo abaixo, a torcida ia à loucura. "Nunca vi nada parecido", testemunhou, surpreso, o diretor Fernando Casal diante da volúpia dos torcedores que arrancaram as redes, as bandeirinhas de escanteio, um dos bancos de reserva e boa parte do gramado.

Zetti, que passou uma semana difícil depois do frango que sofreu contra o Flamengo, pelo Campeonato Brasileiro, era a imagem da redenção. Estático, com os punhos erguidos, ele parecia nem enxergar a multidão à sua volta. Na explosão pela vitória, ele misturou palavras com agradecimentos à Deus. "Não sou herói", garantiu. "Só queria confirmar a confiança da galera em mim." O goleiro não esqueceu a importância de Valdir de Moraes, o treinador de goleiros.

Lição — Antes do jogo, Valdir de Moraes — que tinha visto a decisão por pênaltis entre Newell's e América, em Cali — mostrou a Zetti uma relação com o tipo de cobrança de cada jogador argentino. Na frente do nome de Gamboa estava escrito o seguinte: chute de pé direito, canto esquerdo do goleiro. Zetti lembrou da lição e garantiu a vitória. Valdir, 60 anos de idade e 45 de bola, desabou. "Poucas vezes me emocionei tanto na vida", repetiu muitas vezes entre soluços. "Zetti, Alexandre e Marcos são meus três filhos."

O envio do treinador de goleiros para acompanhar os futuros adversários — ele viu Criciúma, Barcelona, San José, Nacional e Newell's Old Boys em ação — é um exemplo do trabalho que o São Paulo desenvolveu até chegar ao título. "Ganhamos no campo sim, mas a vitória passou por detalhes como esse", anunciou um Telê Santana eufórico. "É esse tipo de coisa que faz a diferença." O convite para o técnico renovar por mais dois anos é outro bom exemplo. É verdade que ele não aceitou, mas pelo menos, quer ficar mais seis meses no Morumbi.

O motivo maior é cristalino. Depois da América, Telê Santana quer o mundo. Ganhar o Mundial Interclubes diante do poderoso Barcelona de Cruyff, dia 13 de dezembro, em Tóquio, é bem mais do que outro título inédito na sua carreira. É seguramente a última chance de o técnico da seleção do Brasil nas Copas de 82 e 86 ser campeão do mundo.

Mudanças — E vai ser com um time certamente modificado que Telê vai tentar a vitória no Japão. "A vida é assim mesmo: uns saem, outros entram", filosofou o técnico sobre o futuro da equipe. Ele admitiu que considera inevitável a saída de alguns dos principais jogadores. Argumentou até que não se pode impedir a saída de atletas que farão a independência. Ele lembrou que no ano passado, o São Paulo perdeu Ricardo Rocha, Leonardo, Bernardo e Tílico em apenas um mês e, nem por isso, a qualidade caiu. "É sempre um desafio renovar as coisas."

■ A cobertura da decisão da Libertadores é de Ari Borges, Janjão Rodriguez, Luisa de Oliveira e Nelson Urt



Orlando Kissner/AE

Cena de campeão

Raí entra para a história: erguer troféus já está virando uma rotina



Orlando Kissner/AE

Nas graças da torcida

Macedo invade a área do Newell's Old Boys e sofre pênalti de Gamboa; reserva de luxo entrou no segundo tempo e pôs São Paulo no caminho do título

Astro Raí entra para a história e deixa os dólares para mais tarde

Raí, o capitão acostumado a erguer troféus, repetiu anteontem à noite, com a Libertadores, as cenas de 9 de junho de 1991, quando recebeu a taça pelo título brasileiro, e de 15 de dezembro, dia em que levantou o prêmio de campeão paulista. "Acho que entrei para a história", disse Raí, ontem, quase não acreditando na intensidade da festa pela conquista, que o obrigou a ficar 55 minutos no gramado do Morumbi, antes de ir para o vestiário. O título sul-americano encerra uma fase em que o grande jogador são-paulino acabou tendo seu futebol prejudicado pelas seguidas viagens e partidas.

"Foi impressionante o silêncio do estádio no momento em que corri para cobrar o pênalti cometido sobre o Macedo", comentou Raí. "Eu mesmo sabia que, com aquele chute, poderia definir o jogo e o campeonato e, por isso, me concentrei para acertar."

Aos 27 anos, Raí admite a possibilidade de, valorizado pela conquista da Libertadores, ser vendido para algum clube da Europa. No entanto, ele prefere esperar as próximas partidas do São Paulo no Campeonato Brasileiro e não mostra obsessão pela transferência que lhe renderá dólares. "Domingo, temos de jogar com o Vasco e tentar chegar a outro título em apenas um mês", lembrou o jogador. "Meu futuro é um assunto para ser tratado com calma."

Recorde — A primeira conquista da Libertadores pelo São Paulo apresentou outras situações quase inéditas: um dos maiores públicos da história do torneio, 105.185 pagantes, ao lado de Cruzeiro x River, em 1976, no Mineirão, e Flamengo x Cobreloa, em 1981, no Maracanã.

Duelo com o Barcelona pode começar em agosto no torneio de La Coruña



O duelo entre o Barcelona, campeão europeu, e o São Paulo, campeão da Taça Libertadores, pode começar quatro meses antes da disputa do título mundial interclubes, marcada para 13 de dezembro, em Tóquio. Dependendo da tabela, eles poderão se enfrentar no Torneio Teresa Herrera, em La Coruña, na Espanha, de 13 a 15 de agosto. Participarão ainda o Deportivo La Coruña e o PSV Eindhoven holandês, time de Romário.

Depois de ganhar a Copa dos Campeões da Europa e ser bicampeão espanhol, o Barcelona está de férias até 28 de julho. O técnico Johan Cruyff passa alguns dias em Paris antes de descansar na Holanda. Ele pediu à diretoria a contratação de um quinto estrangeiro, que não é o são-paulino Raí. O iugoslavo Vucevic tem a preferência do treinador.

O búlgaro Stoichkov, astro da equipe, renovou contrato até 1996 e vai receber US\$ 1,5 milhão por temporada. Seu parceiro de ataque é o dinamarquês Michael Laudrup.

O libero holandês Ronald Koeman é o homem de confiança de Cruyff e lidera o time em campo. Ele marcou o gol do título na decisão europeia com a Sampdoria. O quarto estrangeiro é Richard Witschge, também da seleção holandesa. Entre os espanhóis os destaques são o goleiro Zubizarreta e os meias Bakero e Eusebio.

Cruyff exige que o "Barça" jogue um "futebol alegre" como o da Holanda, vice-campeã mundial de 74 com o esquema "Carrossel".

■ Mais Libertadores nas páginas 3, 4 e 6

CAMPEÃO DA AMÉRICA

Telê mostra o pé e ironiza os seus críticos

Depois de ganhar três títulos no São Paulo em menos de dois anos, o técnico se vinga em grande estilo dos que o chamaram de pé-frio

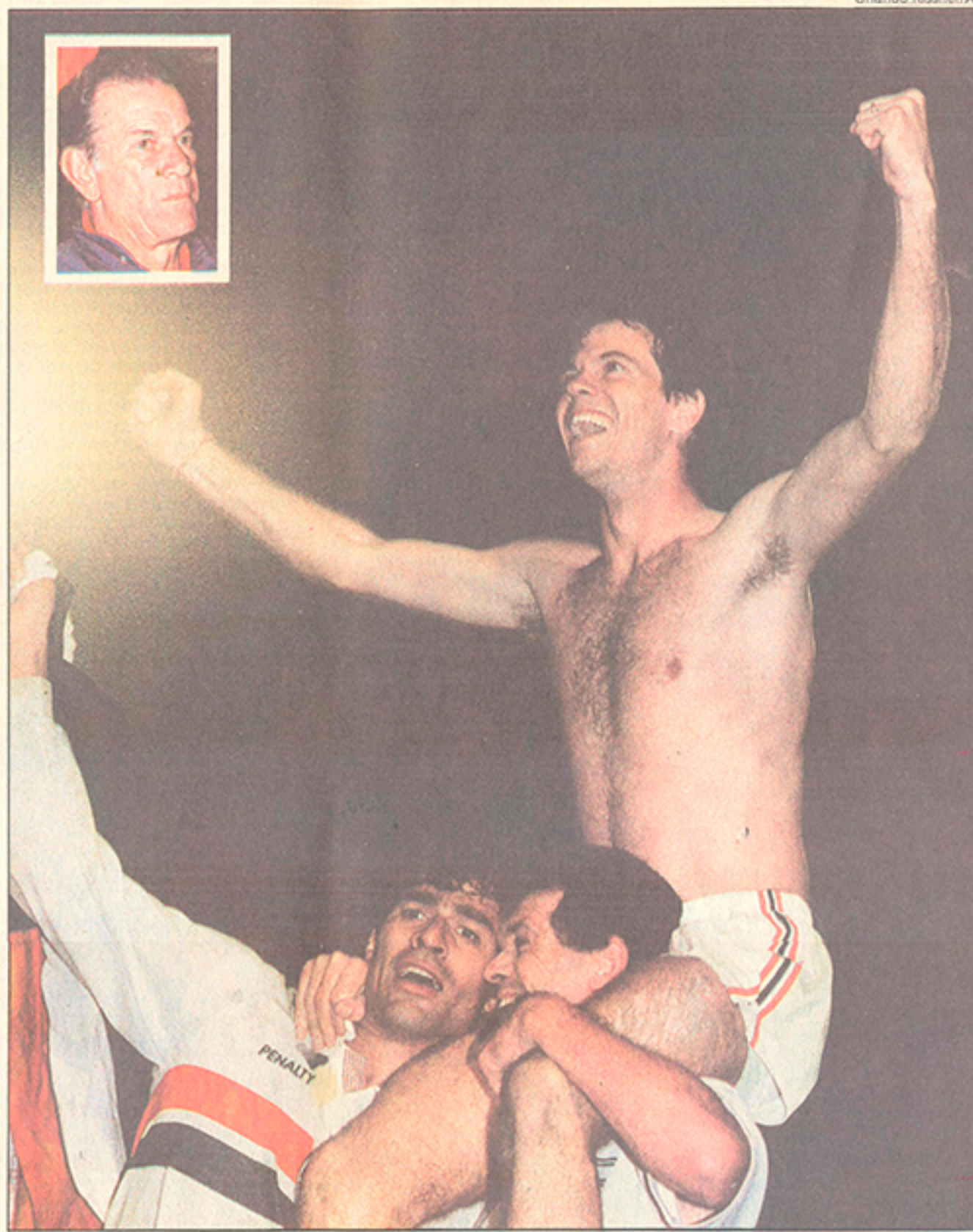
Em um ano e oito meses servindo ao São Paulo, o técnico Telê Santana disputou quatro títulos pelo clube e venceu três. É, agora, campeão paulista, brasileiro e da Libertadores de América. "Sou pé frio, não é?", ironizava no festivo vestiário do São Paulo o bom mineiro da cidade de Itabirito. Aos 60 anos, dono de um humor todo particular e de uma forma de trabalho obsessiva, Telê Santana da Silva confessou que a campanha acabou por lhe cansar física e emocionalmente. Bem ao seu estilo, tomou a decisão de se afastar um pouquinho dos gramados para ficar com a família: um dia e meio.

Ontem, no Centro de Treinamentos do São Paulo, na Barra Funda, depois de dormir às 4 horas da manhã e acordar às 7 horas, Telê ligou o motor de sua Mercedes branca, como faz todos os dias, ligou uma fita da cantora Simone e foi para o aeroporto pegar um avião para o Rio de Janeiro. "Quero ficar no mato, onde não há poluição", revelou o treinador, que retorna amanhã de sua fazenda em Petrópolis e orienta um treino para o jogo contra o Vasco.

Burro — Mesmo afirmando que não sabe se continuará no São Paulo, já que o término de seu contrato coincide com o final do Campeonato Brasileiro, Telê deve retornar da "folga" já com uma resposta aos dirigentes do clube, que lhe oferecem extra-oficialmente uma

renovação de contrato pelo período de dois anos. A chance de disputar contra o Barcelona de Cruyff e pela primeira vez na carreira a final do Mundial Interclubes, em dezembro, também serve como fator de motivação ao treinador para continuar no cargo. Contra, talvez, um pouco da incompreensão do elenco em relação aos seus métodos. "Sei que às vezes pareço chato e ranzinza por ser tão exigente, mas vocês que são jovens talvez não percebam que é graças a isso também que estamos chegando à quarta final seguida", disse o técnico aos jogadores na preleção dada antes da partida contra o Newell's Old Boys. "Dou bom dia para todo mundo, sempre peço licença e falo muito obrigado, não sou nenhum bicho."

Em 1986, depois da derrota no Campeonato Mundial do Brasil para França, Telê teve o retrato colado no corpo de um burro publicado por um jornal gaúcho. "Ser técnico no Brasil é profissão para burro mesmo", respondeu, sem abdicar da rotina de trabalho, que no São Paulo começa às seis horas, quando vai vistoriar o gramado do centro de treinamento. Também não é incomum vê-lo ensinar aos profissionais como e onde bater na bola para melhorar o resultado final. "Minha vida é mesmo o futebol", avisa, sem necessidade, Telê, que diz ter ficado orgulho com título inédito da Libertadores. Mas está mesmo cansado. Até amanhã.



Orlando Kissner/AE

Newell's só vai ter dois dias para descansar

O Newell's Old Boys tem dois dias para se recuperar da derrota para o São Paulo e retomar a liderança do Campeonato Argentino, o que pode levar o time a enfrentar o River Plate na final e garantir mais uma participação na Libertadores. A um ponto do líder Vélez, mas com um jogo a menos, enfrentará, domingo, em Buenos Aires, o San Lorenzo, que pretende se vingar — o Newell's passou pelo San Lorenzo para chegar às oitavas-de-final da Libertadores.

"Estamos conscientes de que temos um campeonato pela frente", declarou, ontem, o goleiro Scoponi. "Hoje estamos mal, mas, domingo, estaremos bem", completou. "Só poderemos fazer um diagnóstico no jogo", discordeou Llop que, após a derrota, recebeu os companheiros em seu quarto para uma conversa que durou até às 4 horas da manhã. "Conversamos e isso melhorou um pouco as coisas", disse o auxiliar técnico Carlos Picerni.

"Vai ser difícil recuperar", admitiu Mendoza, que chutou um pênalti para fora. "Se tivesse acertado, poderia mudar tudo", culpava-se. Ao contrário de jornalistas e de dirigentes, que definiam a má sorte como fator que levou à derrota nos pênaltis, Mendoza reconheceu o erro. "Peguei mal na bola", disse ele que não se dizia disposto a acompanhar Llop e Scoponi para conhecer a noite paulistana.

Ao contrário do público argentino, que em Rosario deixou dezenas de feridos e 250 presos num briga entre torcedores do Rosario Central e do Newell's, jogadores e comissão técnica decidiram pensar no futuro e foram treinar na Academia do Palmeiras ontem à tarde. "Em quatro domingos estamos classificados para outra Libertadores", previu o dirigente Luis Boselli.

ENTREVISTA/José Eduardo Mesquita Pimenta

"O São Paulo pertence a todos os são-paulinos"

O presidente do São Paulo, José Mesquita Pimenta, ergueu o terceiro troféu em um ano e explicou ao "Estado" a evolução do clube.



Orlando Kissner/AE

Hábito de vencer
Pimenta levanta a Taça Libertadores

Estado — Ao conquistar a Libertadores, o São Paulo chegou ao limite?

Pimenta — Ainda vamos tentar o título mundial, mas com o mesmo estilo de respeitar os adversários. O Barcelona é um grande time. E vamos lutar pelo bicampeonato brasileiro.

Estado — Qual o segredo do campeão da América para conquistar tantos títulos?

Pimenta — Contamos com bons jogadores e com uma comissão técnica eficiente, sob o comando de Telê Santana. Cabe à direção do clube garantir tranquilidade e recursos financeiros para o time ir bem em campo.

Estado — O São Paulo possui a tradição de ser clube organizado, dentro e fora do campo, mas, nos últimos anos, sofreu as brigas pelo poder. Como o Morumbi conseguiu resistir à divisão em grupos?

Pimenta — Venci a última eleição, há dois meses, por boa diferença de votos, o que significa o reconhecimento do clube ao trabalho realizado pela diretoria em dois anos. O título da Libertadores mostra que o São Paulo está acima dos grupos. A pacificação virá naturalmente. O Morumbi estará sempre aberto para todos os são-paulinos.

Noite de glória

A festa de Raí e Antonio Carlos: mais um momento de afirmação na carreira de Telê

Campeões voltam aos treinos hoje

O time campeão da Libertadores se apresenta hoje no Centro de Treinamento da Barra Funda e começa a preparação para o jogo contra o Vasco, domingo no Morumbi, pelo Campeonato Brasileiro. A equipe de Telê Santana precisa da vitória, pois vem de uma derrota por 1 a 0 para o Flamengo, no Rio.

Aliás, não pode nem se dar ao luxo de empatar, pois classificam-se para a próxima fase apenas os vencedores de cada chave. O São Paulo está em quarto lugar no grupo — com nenhum ponto ganho — que é liderado pelo Flamengo, com dois. Já seu adversário, o Vasco, divide a segunda posição na classificação com Santos, com um ponto cada.

É possível que alguns titulares sejam poupados nessa partida. O atacante Müller, por exemplo, foi muito vaiado antes de ser substituído por Macedo no segundo tempo e demonstrou estar extremamente abalado psicologicamente. Já Antonio Carlos é da opinião de que ninguém deve ser poupado. "Depois de uma inje-

ção de ânimo como este título da Libertadores, não tem esse negócio de poupar ninguém", afirma. "Todo mundo está para lá de animado." Porém, de acordo com o preparador físico Moraci Santana, um relaxamento na equipe é normal depois de uma partida tensa. "É como abrir uma garrafa de champanhe, há um explosão e depois uma acomodação", diz.

A defesa deve ser a principal arma do time paulista contra o Vasco do artilheiro Bebeto. O jogador Antonio Carlos, depois da brilhante atuação contra o Newell's, já preocupa o técnico Nelsinho. Telê Santana só vai definir o time após uma avaliação do elenco hoje na apresentação no CT. "É um jogo importante para as pretensões do São Paulo de conquistar o bicampeonato brasileiro", afirma o técnico. A dúvida é em relação aos jogadores machucados, como Pintado, que sofreu um corte profundo no queixo; Palhinha, que está mancando; e Raí, muito desgastado com a maratona de jogos pelo clube e pela seleção brasileira.



Orlando Kissner/AE

Ao trabalho
Passada a euforia, Cafu treina para o Brasileiro

Vasco prevê um jogo muito duro no Morumbi

Depois de assistir a decisão da Taça Libertadores da América e vibrar com o título do São Paulo, o técnico Nelsinho caiu na real.

"Agora é a vez do Vasco enfrentar o campeão sul-americano", lembrou, prevenido as dificuldades que o time deve enfrentar para sair do Morumbi ao menos com o empate. Mesmo sem revelar qualquer sinal de apreensão ou temor, talvez por poder contar com a força máxima pela primeira vez em dois meses, o treinador tem uma nova estratégia de ataque para tentar superar a forte marcação de Pintado e Adilson no meio-campo e de Antônio Carlos e Ronaldo na defesa: vai explorar ao máximo as tabelas rápidas entre Bebeto, Bismarck, Edmundo e William.



CAMPEONATO BRASILEIRO

Corinthians não disfarça clima de descrédito

Não há como disfarçar o clima de mal-estar que invadiu o Parque São Jorge durante a preparação do Corinthians para o jogo de amanhã contra o Cruzeiro. Os jogadores estão descontentes com a forma como a diretoria está tratando os casos de Jairo, Guinei e Tupázinho; Vicente Matheus está irritado com o time; e o técnico Basílio aborrecido com todos.

Há duas certezas no time: uma é a volta de Giba. A outra é a de que ele será mesmo reformulado. Márcio, Jairo, Guinei, Tupá, Dinei, Fabinho, Marcos Roberto e Jace Nir deverão sair.



Cruzeiro não vai poder utilizar vários titulares

O técnico Jair Pereira ficou numa situação difícil para definir o Cruzeiro que enfrenta o Corinthians amanhã no Mineirão. Além de Cleison e Riva, vetados pelo médico no início da semana, o treinador perdeu mais um titular. O meia Luiz Fernando sentiu uma contusão na coxa esquerda e fica parado por pelo menos dez dias. O panorama é ainda mais preocupante porque Charles foi vendido e Andrade também está entregue a cuidados médicos. Desta forma, Jair Pereira terá apenas uma opção para o ataque no banco de reservas, com o jogador Aguilino.



Santos teme os lançamentos longos de Júnior

Evitar a todo custo os lançamentos de Júnior é uma das grandes preocupações do Santos para a partida de amanhã contra o Flamengo, no Morumbi. Haverá um cuidado especial na marcação, revela Axel. "Não se pode deixar à vontade um jogador desse nível."

Fora esse respeito, os treinos mostraram tal clima de confiança que uma derrota nem chega a ser cogitada. A equipe se considera mais rápida do que o adversário. "Por isso, poderemos ser mais agressivos nessa partida", supõe Almir, que no ataque terá a companhia de Guiga em lugar de Paulinho.



Flamengo faz esquema para explorar Gaúcho

O Flamengo vai voltar a utilizar os cruzamentos na partida contra o Santos, amanhã no Pacaembu, para explorar as cabeçadas do centroavante Gaúcho. A idéia do técnico Carlinhos é soltar mais os laterais Charles e Piá e deixar Paulo Nunes e Zinho bem abertos pelas pontas, para facilitar as jogadas.

Para Carlinhos, o time teve dificuldades em executar sua principal arma de ataque contra o São Paulo porque o adversário dificultou o trabalho dos laterais com jogadas de velocidade com o lateral Vitor e o ponta Catê. "O Santos tem características diferentes", acredita.



Contusão pode tirar Biro-Biro do Bragantino

O lateral esquerdo Biro-Biro fez um teste ontem cedo, sentiu dores no local da pancada que recebeu domingo passado na perna esquerda e é dúvida para o jogo do Bragantino contra o Botafogo, domingo no Pacaembu. "Agora só me resta fazer outro teste momentos antes da partida", lamentou-se o jogador. Apesar da hipótese de sua recuperação não estar afastada, o técnico Candinho afirmou que não terá problemas se Biro não passar no teste, porque Ayupe participou do coletivo e teve muito boa atuação. "Ele marca bem, avança quando é preciso e tem chute forte", disse.



Botafogo já conta com a vaga na decisão

O técnico Gil tem tanta certeza de que o Botafogo vai se classificar para a final do Campeonato Brasileiro que resolveu antecipar a sua viagem a São Paulo. Ele segue amanhã, antes dos jogadores, para poder assistir ao jogo entre Santos e Flamengo, no Pacaembu, adversários com os quais poderá cruzar na decisão.

Gil está otimista em relação às chances de sua equipe, pois acredita que os jogadores finalmente estão conscientes da importância da marcação. "Nós sofremos muitos gols na primeira fase porque todos estavam preocupados apenas em atacar", lembrou.



Atacante Macedo lembra nos anos 90 a ingenuidade de Mané Garrincha

QUEM É QUEM

Telê Santana, 60 anos, comandou o time do São Paulo, como técnico "pe-quente", na Libertadores. Foi seu terceiro grande título em um ano e oito meses de clube. O campeão usou este elenco na Libertadores:

Zetti — Armelino Donizeti Quagliato, 27 anos, natural de Capivari (SP). Ficou fora em duas partidas.

Cafu — Marcos Evangelista de Moraes, 21 anos, natural da Capital. Participou das 14 partidas do torneio.

Antônio Carlos — Antônio Carlos Zago, 23 anos, natural de Presidente Prudente.

Ronaldo — Ronaldo Rodrigues de Jesus, 26 anos, natural da Capital. Participou de todos os jogos.

Ivan — Ivan Rocha Lima, 23 anos, natural da Capital.

Adilson — Adilson José Pinto, 27 anos, é de Cruzeiro (SP).

Pintado — Luís Carlos Preto, 26 anos, natural de Bragança Paulista (SP). Jogou em todas as partidas.

Rai — Rai Souza Vieira de Oliveira, 27 anos, natural de Ribeirão Preto (SP). Ficou fora de uma partida.

Müller — Luís Antônio Corrêa da Costa, 26 anos, natural de Campo Grande (MS). Participou de oito jogos.

Palhinha — Jorge Ferreira da Silva, 24 anos, natural de Carangola (MG).

Elivélton — Elivélton Alves Ruffino, 20 anos, natural de Serrania (MG).

Alexandre — Alexandre Escobar Ferreira, 20 anos, natural de Sorocaba (SP). Substituiu o goleiro Zetti em

três jogos.

Sidnei — Sidnei de Espírito, 22 anos, natural da Capital (SP).

Suelio — José Suelio da Silva Lacerda, 24 anos, natural de João Pessoa (PB).

Macedo — Natanael dos Santos Macedo, 22 anos, natural de Americana (SP).

Catê — Marcos Antônio Lemes Tozzé, 18 anos, natural de Cruz Alta (RS). Participou apenas do jogo de estréia, contra o Criciúma.

Rinaldo — Antônio Rinaldo Gonçalves, 26 anos, natural de Campina Grande (PB). Atuou em cinco jogos.

Ronaldo Luís — Ronaldo Luís Gonçalves, 25 anos, natural de Belo Horizonte (MG). Jogou três partidas.

Gilmar — Gilmar Estevam, 25 anos, natural de Governador Valadares (MG). Participou de dois jogos.

Cláudio — Cláudio Lúcio Camargo Moura, 20 anos, natural de Uruguaiana (RS). Jogou na primeira partida.

Eraldo — José Eraldo de Lima, 19 anos, natural de Macaí (AL). Só jogou na estréia na Libertadores.

Mona — Marcelo Alexandre Correia Pires, 19 anos, natural de Votorantim (SP). Jogou só a partida inicial.

Marcos — Marcos Antônio Alvim Bonequini, 22 anos, natural da Capital. Reserva de Zetti em alguns jogos, não chegou a ser aproveitado na equipe.

Nelson — Nelson Luís Kerchner, 29 anos, natural da Capital. Participou de cinco jogos e foi vendido ao Corinthians em maio.

Jogador nem sabia o nome da equipe adversária. "É Boys qualquer coisa."

A versão de Garrincha nos anos 90 existe e joga no Morumbi. É Macedo, que nem se quer sabia o nome do time adversário. "É Boys qualquer coisa." Até ao receber o título de campeão da Libertadores mostrou a ingenuidade do Mané. "Agradeço a torcida, que pediu eu; ao Telê, que me botou, e a Deus, que me iluminou", sustentou. Nathanael dos Santos Macedo, 21 anos, foi mais longe para falar do pênalti que sofreu e abriu o caminho da vitória. "Fui travado e me joguei", disse. "Foi mais ou menos pênalti." Sem querer discutir a falta, Telê Santana só teve elogios para o atleta. "É um jogador

importante, que entrou bem e deu uma movimentação diferente ao time", declarou o treinador, que só lamentou o mau futebol de Müller. "Mas ele também tem um potencial incrível e vai se recuperar."

Casamento — Macedo poupou críticas ao colega. E os US\$ 10 mil que ganhou de prêmio pela conquista da Libertadores também o deixaram preocupado mesmo com outras coisas. Ontem, por exemplo, ele foi a cidade de Americana cumprir uma promessa: fazer o pedido oficial de casamento à família de sua noiva. "Vou ajoelhar", confessa. "Esta não vai dar para driblar."

Sérgio Amaral/AE



Abraço no Mestre

O zagueiro Antônio Carlos retribuiu com seu gesto o agradecimento a Telê: mais que o título, o ensino

Gol de letra

Roberto Benevides

O cordão da esperança



Zetti voltou a ser herói, Cafu suou e brilhou na direita, Antônio Carlos jogou em todo o campo, Ronaldo mostrou até categoria, Pintado puxou o coro dos valentes, Rai regeu o esforço coletivo, Macedo decidiu os 90 minutos, Moraci Santana e Turibio Leite garantiram o pulmão e o coração da moçada, Valdir de Moraes mapeou os caminhos do adversário, mas o maior de todos os campeões se chama Telê Santana.

Em raros momentos da Libertadores, o São Paulo jogou o futebol sólido e volúptuoso que Telê ama e prega. Os 4 a 0 no Criciúma e os 45 minutos iniciais dos 3 a 0 no Barcelona foram brilhantes exceções numa campanha sob medida para ganhar o título. O amante do futebol bem jogado também ama as vitórias: "Eu quero ganhar até cuspe em distância", dizia, entre goles de chaminhotinha, no vestiário do Morumbi.

Já disseram tanto que ele era pé-frio e, na quarta decisão em menos de dois anos no São Paulo, acaba de ganhar o terceiro título. Disseram que ele precisava escolher, ou o Brasileirão ou a Libertadores, e ele foi navegando entre os dois, trocando de tripulação apenas quando não havia outro jeito, e aí está campeão da América do Sul, do Brasil e de São Paulo, triplice coroa que os vitoriosos são-paulinos ainda não conheciam.

O papel do técnico no improvisado futebol dos nossos dias foi recentemente definido por Rinus Michels numa declaração registrada pelo companheiro Luís Antônio Prósperi, do Jornal da Tarde: "A gente re-

cebe corpos diferentes e mentes diferentes e precisa estabelecer em pouquíssimo tempo um padrão que deize todos satisfeitos." O técnico não existe para chatear ninguém, ensina o mestre holandês: "O grande desafio é trabalhar as expectativas de cada um."

Não é mero acaso que o futebol dos sonhos do mestre mineiro seja o que Michels concebeu para a execução preciosa de Johannes Cruyff — curiosamente o homem que hoje comanda o Barcelona com que o São Paulo disputará o título mundial em Tóquio — e iluminada companhia de Krol, Neeskens, Rep, Rensbrink e tantos outros craques capazes de desempenhar múltiplas funções dentro do campo.

Telê sonha com o futebol total e harmônico e só por isso — recordava depois da vitória nos pênaltis sobre o Newell's Old Boys — fez questão de juntar na mesma seleção os talentos de Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico. Ele se rende, porém, às circunstâncias e, por isso, já jogou de Pires e Mococa no Palmeiras e agora escala Pintado e Adilson no meio-de-campo do São Paulo treinado e cansado de tantas batalhas.

Ele é dos técnicos que harmonizam o existente. E durou na hora certa, quase sempre bem humorado, trabalhador e confiante sempre. Era o Fio da Esperança em seus tempos de jogador incapaz de se entregar enquanto não acabasse um jogo. É quem puxa hoje o cordão da esperança num novo futebol brasileiro. Tomara que ganhe de Cruyff em Tóquio.

Orlando Kissner/AE



Rotina

A torcida do São Paulo comemora no Morumbi a conquista de um título inédito para a equipe

Zetti garante vitória numa partida difícil

O título da Libertadores chegou para o São Paulo com a dramaticidade das grandes conquistas. A vitória sobre o Newell's Old Boys por 1 x 0 no tempo normal e 3 x 2 na decisão por pênaltis teve todos os ingredientes de uma final de tais proporções, inclusive heróis: Macedo, que saiu do banco para incendiar o time e sofrer o pênalti que Rai aproveitou durante o jogo, e Zetti, que liquidou a fatura ao defender o chute de Gamboa, já nas cobranças decisivas.

Apesar de o São Paulo ter começado a todo vapor, foi o time argentino que criou a primeira grande chance de gol, aos 22 minutos, quando Zamora deslançou pela direita, invadiu a área e acertou a trave de Zetti. A resposta veio seis minutos mais tarde. Depois de uma bela tabela com Adilson, Palhinha — o artilheiro da Libertadores, com sete gols — acertou o travessão de Scoponi.

Melhor em campo, o São Paulo superou a marcação dura — às vezes desleal — do Newell's e continuou criando chances, mesmo abusando do ineficaz expediente de levantar bolas altas na área adversária. Müller confirmou a má fase e desperdiçou duas grandes oportunidades, aos 36 e aos 37 minutos.

São Paulo	1
Newell's Old Boys	0

Gol — Rai, aos 22 minutos do segundo tempo. São Paulo 3 a 2 nos pênaltis.
São Paulo — Zetti; Cafu; Antônio Carlos; Ronaldo e Ivan; Adilson; Pintado e Rai; Palhinha; Müller (Macedo) e Elivélton. Técnico — Telê Santana.
Newell's Old Boys — Scoponi; Saldanha; Gamboa; Pochettino e Berizzo; Llop; Berti e Martino (Domizi); Zamora; Lunari e Mendoza. Técnico — Marcelo Bielsa.
Juliz — José Torres Cadeña (COL).
Cartão vermelho — Marcelo Bielsa.
Renda — C-5 1.072.490.000,00.
Público — 105.185 pagantes.

Histórias de quatro aventuras pela América

Em pouco mais de três meses, o São Paulo viajou milhares de quilômetros para disputar simultaneamente a Taça Libertadores da América e o Campeonato Brasileiro. A campanha pelo título sul-americano exigiu jogos no Brasil (Morumbi e Criciúma) e em quatro outros países: Bo-

lívica (Oruro e La Paz), Uruguai (Montevideu), Equador (Guayaquil) e Argentina (Rosário). O Estado foi o único jornal que teve enviados especiais a todos os quatro países para mostrar aos leitores os detalhes dos jogos e da preparação do São Paulo.

Nesta página, cada um dos

quatro jornalistas — Janjão Rodrigues, Ari Borges, Luiz Carlos Ramos e Arthur de Almeida — relembra detalhes dos jogos do campeão de São Paulo, do Brasil e da América no Exterior.

A campanha são-paulina foi acompanhada também por várias emissoras de rádio paulis-

tanas. Em televisão, a exclusividade das transmissões coube à Rede OM (TV Gazeta, em São Paulo), que conseguiu grande audiência nos jogos decisivos. A pesquisa do Ibope registrou 53% para a Gazeta, entre os aparelhos ligados na Grande São Paulo, no fim da partida de anteontem.

Palhinha faz três gols na Bolívia

JANJÃO RODRIGUEZ

No início da campanha da Libertadores de América, em março, a primeira viagem do São Paulo ao Exterior foi cercada de planejamento e cuidados. Para os jogos na Bolívia — respectivamente contra o San Jose e o Bolívar, nas cidades de Oruro e La Paz — a altitude de cerca de 3.700m, a temperatura e os adversários foram cuidadosamente estudados para se chegar a uma estratégia capaz de ser vitoriosa. Foi resolvido que o time teria o seu QG em Santa Cruz de La Sierra, cidade com temperatura e altitude semelhantes a São Paulo e que viagens de avião seriam feitas para chegar pouco antes nos locais dos jogos.

Assim, com vários tubos de oxigênio e agasalhos a bordo, o avião da delegação pousou numa pista improvisada na cidade mineira de Oruro, dia 17 de março, pouco antes do jogo contra o San Jose. Palhinha começou ali a ser titular do time, depois de fazer os três gols da vitória por 3 a 0 sobre o San Jose. "Esta partida foi decisiva para a minha carreira", atesta Palhinha.

Três dias depois, em La Paz, o Bolívar mostrou ser um oponente mais difícil. Os donos da casa dominaram o jogo e alcançaram a vantagem de 1 a 0 ainda no primeiro tempo. Uma falta cobrada por Rai quase no final do jogo, entretanto, acabou dando o empate ao clube paulista. "As vezes isso acontece", disse Telê. "Ainda bem que desta vez fomos nós os beneficiados."

Crise antes do jogo no Uruguai

ARI BORGES

O São Paulo chegou despedaçado ao Uruguai para enfrentar o Nacional, já na segunda fase da Taça Libertadores. O lateral-esquerdo Nelson — um dos líderes do grupo e jogador mais antigo no clube — tinha sido afastado pela diretoria praticamente na hora do embarque para Montevideu e os jogadores estavam abalados emocionalmente. Apesar do evidente mal-estar, a reação mostrada na partida foi talvez a melhor lição de profissionalismo que a equipe deu ao longo da competição.

A fria comemoração pelo gol solitário de Elivélton — que estabeleceu a vitória e praticamente garantiu a classificação para a semifinal — foi a única manifestação de desagrado visível. Embora tivessem decidido — numa reunião ocorrida no hotel — pedir a reintegração imediata de Nelson (que afinal não aconteceria), no campo os jogadores mostraram aplicação e obediência tática, dominaram completamente o adversário e poderiam até ter estabelecido uma vantagem bem mais ampla, não fosse o antigo problema de pontaria que a esta altura já se manifestava.

Mas a vitória foi tão convincente que o goleiro uruguayo Seré desconfiou. "É desse confronto que vai sair o campeão da América", vaticinou. O Nacional perdeu também o jogo de volta — 2 x 0, no Morumbi — e Seré mostrou que podia ter pouco cabelo, mas que a cabeça pensa direitinho.

Equador impôs derrota e lições

LUIZ CARLOS RAMOS

O caminho para o título pode ter derrotas, dependendo de como ocorrem, desde que o time saiba reagir diante dos erros cometidos. Ao perder do Barcelona do Equador por 2 a 0, em Guayaquil, em 3 de junho, o São Paulo sofreu um dos maiores sustos da Libertadores, mas obteve a classificação para as finais por saldo de gols.

Aquela noite quente de Guayaquil deixou lições para o São Paulo. Em campo, Rai não pegou na bola, Müller chutou sempre mal, Ronaldo falhou no desarme e Zetti tomou um frango, o segundo gol do Barcelona, aos 42 minutos do segundo tempo.

Depois do jogo, o técnico Telê Santana não fez festa. Reclamou do desempenho dos jogadores e disse estar aliviado por chegar à final. "Precisamos melhorar para ganhar o título", analisou.

A delegação saiu do estádio, jantou no hotel, foi para o aeroporto e embarcou no avião fretado da TAM, rumo a São Paulo. A seriedade de Telê e o talento e a garra de alguns jogadores foram fundamentais para o título. Mas o clube tricolor mostrou também vivacidade dos diretores. Em Guayaquil, a chefe da delegação impôs, de surpresa, a troca de hotel para o almoço do dia do jogo, tentando afastar a possibilidade de os jogadores almoçarem comida eventualmente preparada pelo inimigo para. O time jogou mal, mas não por dor de barriga. E aprendeu as lições do Equador.

Na Argentina, apoio da torcida

ARTHUR DE ALMEIDA

Ao deixar Rosário, casa de seu adversário mais forte e por isso também finalista, o Newell's Old Boys, o São Paulo tinha a consciência de que estava bem mais perto do título inédito da Taça Libertadores do que o anfitrião vitorioso. É que, apesar de sofrer a terceira derrota na competição, o placar construído pelo Newell's (1 a 0) não dava a ele uma confiável margem de segurança.

Tão importante quanto isso, porém, foi a postura valente e a personalidade do São Paulo diante dos 50 mil torcedores do campo argentino que lotaram o "Gigante de Arroyito", o campo do Rosário Central. Tecnicamente, os comandados de Telê estiveram abaixo do que poderiam produzir, mas jamais foram dominados. Ao contrário, o esquema ofensivo do São Paulo fez com que a equipe só esbarrasse na deficiência já detectada em apresentações anteriores — falha de conclusões.

A forma como o Newell's chegou ao seu gol foi contestada. Ronaldo até hoje jura não ter cometido pênalti, como interpretou o juiz chileno Hernán Silva. Só que, fora das quatro linhas, os jogadores não tiveram de que se queixar. Nem de hostilidades — não foram incomodados na Rosário dividida por "canalhas" e "leprosos" — nem de solidão. Os jogadores que quiseram até levaram suas mulheres para a Argentina. Sem falar que o São Paulo herdou nos Pampas vestidório, banco e a simpatia do Rosário Central.

São Paulo, campeão da América - 1992



A campanha

6/3	0 x 3	Criciúma
17/3	3 x 0	San José
20/3	1 x 1	Bolívar
1/4	4 x 0	Criciúma
7/4	1 x 1	San José
14/4	2 x 0	Bolívar
28/4	1 x 0	Nacional
6/5	2 x 0	Nacional
13/5	1 x 0	Criciúma
20/5	1 x 1	Criciúma
27/5	3 x 0	Barcelona
3/6	0 x 2	Barcelona
10/6	0 x 1	Newell's
17/6	1 x 0	Newell's

Os números

J	V	E	D	GP	GC
14	8	3	3	20	9

Artilheiros

7 gols: Palhinha (Artilheiro da Taça Libertadores).

3 gols: Rai.
2 gols: Antônio Carlos, Elivélton, Macedo e Müller.

1 gol: Rinaldo e Ronaldo.

Na disputa em pênaltis, no jogo final, marcaram Rai, Ivany e Cafu. Ronaldo chutou em cima do goleiro. O último seria cobrado por Pintado.

Maior público

Morumbi - 17/6 - 105.185 pagantes.



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ